

Emília Mena
Jorge de Oliveira

RELATOS DA EXPLORAÇÃO DE VOLFRÂMIO NA DÉCADA DE 40 DO SÉC. XX

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÂN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 471-476

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão



100

95

75

25

5

0

Título
**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

75

25

5

0



**Emília Mena
Jorge de Oliveira^(*)**

RELATOS DA EXPLORAÇÃO DE VOLFRÂMIO NA DÉCADA DE 40 DO SÉC. XX

Falar de volfrâmio, ou do ouro negro, como também era chamado, seria tema de um extenso trabalho que não nos cabe a nós desenvolver neste livro. O intuito deste pequeno texto é lembrar alguns locais, em particular nas freguesias de Beirã e Santo Antó-

nio das Areias, onde se processou extração e, sobretudo, salvaguardar os poucos testemunhos ainda vivos que conseguimos recolher.

Claro que muitas outras recordações, histórias, aventuras e negociatas haveria à volta do volfrâmio, matéria que durante a primeira e segunda grande guerra foi motivo de interesse e de conflito entre as grandes potências mundiais e onde o concelho de Marvão teve um importante papel nesta fase da nossa história. A estação dos Caminhos de Ferro na Beirã teria sido cenário de muitas peripécias. Talvez o destino se encarregasse algumas vezes de provocar um “pequeno acidente ou descarrilamento na linha”, antes da chegada à estação, onde haveria de cair algum minério à linha, que prontamente era “rabiscado” para vender por “detrás da cortina” ou não fosse tão cobiçado em tempos de guerra para servir de aditivo ao ferro que o iria tornar mais resistente para carregar as armas. Certamente que a cobiça por este metal teria causado mais “guerras secretas” ainda entre os Ingleses e Alemães em busca da melhor forma de ganhar a dura batalha que travavam.

Mas este mineral tão desejado, que servia para endurecedor de ligas metálicas para a construção de armas, era também utilizado na indústria elétrica e nos filamentos das lâmpadas que nos dão luz. A expansão da exploração deu-se na primeira grande guerra e novamente com o eclodir da segunda, mas depois começou a decrescer.

Foi também produto contrabandeado pelo seu elevado valor. Até explorações clandestinas pela febre ao ouro negro eram feitas apesar do risco, mas sempre pensando no lucro da venda do minério.

Nos livros de registo (notas de manifesto) da identificação de minas, existentes na Câmara Municipal, são vários os pedidos feitos na secretaria, para exploração de vol-

(*)(CHAIA / Univ. de Évora)



frâmio que, de acordo com os requerimentos, era descoberto por simples pesquisa superficial e assim a câmara passava a licença respetiva. Os pedidos eram feitos na sua maioria, por empresas ou pessoas de fora do concelho, que contratavam depois os residentes para fazer a pesquisa, que nem sempre era frutífera, pois houve locais onde o filão não teve continuidade. Deixamos um breve apontamento de alguns dos sítios onde foi pedida e feita exploração de volfrâmio e por quem foi requerida:

Retorta.

Herdade dos Pombais.

Matinho – 1918 – Júlio Mourinho da Silva Casqueiro de Castelo Branco “descobriu uma mina de volfrâmio e outros minerais no sitio do Matinho”.

Matinho – 1919 – “volfrâmio nas terras que confrontam com a Retorta, herdade dos Pombais, linha férrea do ramal de Cáceres e Rio Sever.”.

Matinho – 1921 – “volfrâmio na propriedade de Manuel Costa Ferreira”.

Tapadão do Pego do Acincho – 1941 – freguesia de Santo António das Areias, propriedade do Dr. Possidónio Mateus Laranjo Coelho, confronta pelo norte com Rio Sever com Pereiro e Monte Velho.

Tapada dos Piçarras - 1941 - parte integrante da Defeza, freguesia de Santo António das Areias, “na propriedade de Lucrecia Magalhães Fraústo, confronta do norte com Cabeço do Seixo, sul com Saimeira, nascente com Rio Sever, poente com Figueirinha e Tapadão do Rolo”.

Areal - freguesia de São Salvador de Aramenha - 1941.

Pombais - na propriedade de Júlio Pires Fraústo – 1941.

Matinho – 1941 – o ponto de partida é a 40 metros do Cancho da Vigia e a 20 metros a linha férrea do Ramal de Cáceres.

Matinho – 1941 – 1) “jazigo de volfrâmio, o ponto de partida é a 400 metros do marco geodésico do Acincho”.

2) “o ponto de partida é a 100 metros do centro geométrico da casa da Figueira Branca”.

3) “o ponto de partida é a 600 metros na direção sul magnético do centro geométrico da casa de residência de José Bonacho situada nas terras da Retorta”.

Tapada dos Carrascos – Matinho – 1941 – “o ponto de partida é um forno velho de telha ao quilómetro 243 à estaca 500”.

Matinho Terceiro – em 1952 requerida a exploração pela Corporação Mineira Jacarol, Lda de Lisboa; em 1957 – Rodrigo de Sousa Guedes Pereira Leite.

Matinho Quarto.

Matinho Quinto.

Souto das Três Mães (Vale de Rodão).

Cavalo – em 1956 Fortunato Picado Lourenço Ventura “descobriu por simples inspeção superficial no sítio denominado “Cavalo” na propriedade de José Fernandes da Costa (Herdeiros)”.

Para perpetuar a memória oral de quem viveu esta corrida ao volfrâmio, ou fez parte da família dos mineiros e sobretudo de modo a salvaguardar esses mesmos testemunhos, deixamos breves relatos que a lembrança ainda não apagou:

Rosa de Oliveira Janeiro (nascida a 14.04.1940), esta recordou o Pai – João Maria Janeiro – que trabalhou nas minas e a quem ela “ia levar o comer”, quando tinha 6 / 7 anos, porque moravam perto, mas ficava lá a trabalhar também.

Era criança, mas recorda-se “dos homens trazerem a terra com o minério para junto de uma corrente de água onde havia uma cajeira feita com duas tábuas de lado e uma no fundo. Nela deitavam a terra, que abalava na água, ficando o minério no fundo. Este era posto ao sol a enxugar, para ser pesado e guardado pelos encarregados. Os patrões não os conheceu; era o encarregado que fazia os pagamentos e os negócios”.



Rosa Oliveira Janeiro

Aurora Dias, que cedeu a fotografia da época com que ilustramos o artigo, recordou a sogra, Teresa de Jesus Martins, “que ficava a tomar conta do lume onde cada trabalhador punha a sua panela e ia cozinhando o almoço”.

João Bernardo Pires, de 94 anos, residente no Lar da Casa do Povo de Santo António das Areias, “morava na Martela, perto da Ponte Velha e trabalhou nas minas da Fonte Souto, na exploração de volfrâmio. Nunca conheceu os patrões, havia um encarregado que também não era de cá, chamava-se””Leixo ou Aleixo”.

“Nas minas fazia o que calhava, partia pedra e “batia o pistolo”, abria valas, descia aos buracos num “sarilho” (espécie de andaime), puxado por cordas e roldanas, lá em baixo arrebentavam com a pedra e tiravam-nas aos bocados trazendo-o para cima”.



Grupo de trabalhadores das minas da Fonte de Souto (à frente em baixo, Teresa de Jesus Martins junto das panelas que guardava)

“Depois era pisado em “piales” mesa de pedra adaptada para o efeito e com martelos retiravam o mineral, que depois era levado para fora”. Não sabia para onde levavam o minério, mas sabia que era apenas isso que interessava aos patrões. Ganhava “uma bacatela” 18 ou 19 escudos por dia. “Todos recebiam por igual, quer trabalhassem muito ou pouco. Era muito pouco, mas num tempo de miséria, em tempo de guerra, onde não havia fartura, qualquer dinheiro era necessário para o sustento da família, pese embora a dureza ou o perigo do trabalho”.

Informou-nos também que “Ainda foi aberto um poço de oito metros um pouco mais abaixo das minas, para poderem ir até ao sítio da exploração esgotar a água para poderem trabalhar, mas a distância era muita e os métodos de trabalho não mecanizados, impediram que o poço tivesse continuidade”.

Recorda-nos também que, “entretanto, a exploração parou e nunca foi retomada, os buracos foram “entaipados”, mas ainda hoje o rendeiro do prédio tira água de um deles para regar a sua horta”.

Joaquina Rosa Marques Bicho era criança, mas lembra-se dos pais falarem do trabalho Joaquim da Rosa Bicho e a esposa Maria de Alegria Marques trabalharam nas minas, “a mulher fazia lá o almoço para os dois. Faziam o que era preciso, desde abrir as valas, partir a pedra e levá-la para um tanque onde era lavada. Nunca conheceram os patrões e o encarregado também era de fora”. Na fotografia que publicamos identifica o pai e a mãe e poucos mais.

Também o Professor Jorge Forte de Oliveira lembrou um dos Encarregados nas mi-

nas, era da Família Cortes, de Estremoz e tinha um cavalo para se deslocar todos os dias para a exploração nos Vidais, onde trabalhavam todos aqueles que não tinham outra fonte rendimento.

Aliás, houve em todo o concelho de Marvão, vários locais onde foi feita a prospeção e a respetiva exploração nos sítios onde realmente havia o filão.

Vestígios há ainda dessa época e desta atividade mineira de extrema importância económica. Subsiste a mesa de bater o volfrâmio existente nas propriedades do Cavallo. Mesa gasta pelo bater dos martelos para tirar o precioso metal à custa do qual alguns enriqueceram, outros sofreram para o trazer ao cimo da terra e alguns acabaram por vir a morrer pela inalação do pó (a silicose), num tempo em que não havia qualquer tipo de equipamento de proteção individual para o fazerem.

Ainda hoje abundantes vestígios há dessas atividades mineiras a céu aberto. Há tes-

temunhos bem visíveis e alguns, até há poucos anos, serviam de aterro de animais que morriam nos campos. Para aí eram atirados para alimento das aves de rapina e assim evitar que atacassem os jovens borregos, cabritos ou leitões que pelos campos andavam. Um dos locais preferidos para depositar essas carcaças era nas denominadas



“minas da Fonte do Codesso”, não muito dis-

“Piale” mesa de “desmonte” para separar manualmente o volfrâmio da Mina do Cavallo, hoje propriedade de Luís Vitorino.

tante do cemitério de Santo António das Areias.

Guiados por João Vaz Margarido, visitámos as valas abertas da Fonte do Souto, onde o sogro trabalho e onde se exploraram os filões e também o local onde a pedra era britada para extração do volfrâmio.

A Exploração do volfrâmio, ou seja, do tungsténio, sobretudo durante o período da Segunda Grande Guerra, provocou em todo o País, mas especialmente na zona norte do concelho de Marvão, um evidente abandono das normais atividades agrícolas por

parte das gentes que trabalhavam “à jorna”. O trabalho na mineração era, aparentemente menos sazonal e melhor remunerado o que provocou uma forte escassez de mão de obra agrícola nesta região. Perante a falta de mão de obra rural os agricultores que dependiam dos que para eles tradicionalmente trabalhavam, ou abandonaram algumas pro-



João Vaz Margarido mostrando o que resta das valas nas Minas da Fonte Souto

duções, ou tiveram que aumentar o valor normal da jorna. A “febre do ouro preto” provocou, assim, um aumento dos normais valores pagos à jorna, com o consequente aumento da capacidade de compra da comunidade, dependesse ela, quer das atividades diretamente relacionadas com o volfrâmio, quer dos trabalhos tradicionais. Este incremento económico espelhou-se, pelo menos durante o tempo em que a “febre” durou, num desenvolvimento dos comércios locais em geral, mas especialmente nas lojas e tabernas da Beirã porque era por aqui que algum comércio, menos legal, deste “ouro” se processava.

Foi, sobretudo na aldeia da Beirã que mais se fizeram sentir os reflexos da “febre do ouro preto”, intimamente ligados a alguns “esquemas bem organizados” que ultrapassavam, claramente os limites da geografia socio-económica local, regional, nacional e ia além fronteiras, não só as peninsulares, que foram, na verdade muito importantes nestas transações, mas que se expandiam além Pirinéus, entrando pela França ocupada, até chegarem às grandes fundições da Alemanha Nazi.

Em Portugal, segundo a documentação disponível, o encarregado do negócio da “discreta exportação” do volfrâmio para a Alemanha seria Kurt Dithmer mas a ele, indiretamente estavam ligados nomes como Hermann Goering, homem forte do Terceiro Reich, dado como possível sucessor de Hitler. A desesperada procura do raro e por isso valiosíssimo volfrâmio para a indústria de guerra alemã veio contribuir para que a, até aí pacata, aldeia fronteiriça da Beirã passasse a figurar como um dos centros nevrálgicos das “discretas transações”, toleradas por Salazar, onde “ouro preto” se escapava nas barbas dos “aliados” a troco do famigerado “ouro nazi” e que sobre essa matéria alguns interessantes textos já foram publicados.